

## Penafiel 1809 a cidade que os franceses viram<sup>1</sup>

Teresa Soeiro  
UP/FLUP - CITCEM

**Resumo:** sumariam-se os testemunhos sobre Penafiel, o edificado e a sociedade local, deixados por militares estrangeiros que conheceram a cidade no contexto da Guerra Peninsular, bem como de outros viajantes que a visitaram poucos anos depois de terminado o conflito, os quais nos deixaram uma primeira representação do aglomerado urbano.

**Palavras-chave:** Penafiel, Viajantes Estrangeiros, Guerra Peninsular

**Abstract:** The study summarizes the accounts about Penafiel, its built heritage and local society given by foreign military who had known the town during the Peninsular War in which they were involved, as well as by foreign travellers who had visited the town few years after the end of the conflict. The latter also left us the first pictorial testimony of Penafiel urban area.

**Keywords:** Penafiel, Foreign Travellers, Peninsular War

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada (em versão simplificada) no colóquio *A invasão do Entre Douro e Minho em 1809: uma perspectiva geo-histórica*, que teve lugar em Penafiel, a 15 de Abril de 2009, promovido pela Escola EB 2,3/S de Pinheiro (Penafiel), com o apoio do Município de Penafiel. Agradeço ao professor Luís Miguel Moreira o convite para participar neste evento dirigido ao público escolar, a quem o dedicamos, circunstância que nos levou a ensaiar a tradução dos textos originais.

No final do mês de Março de 1809 o exército francês ocupava o Porto, e Soult, pretendendo assegurar as ligações com as tropas que operavam no interior de Espanha antes de avançar para a capital, envia uma brigada de dragões tomar as posições que garantissem a passagem do baixo Tâmega nas pontes de Canaveses e Amarante e nas barcas de Entre-os-Rios. Assim manteria abertas as ligações a Trás-os-Montes, perturbadas pela actuação do general Silveira, e, se possível, eliminaria este para evitar ataques na retaguarda<sup>2</sup>.

Camilo Castelo Branco recorda a presença do general Silveira em Penafiel pouco antes do ataque francês e as exortações à resistência lançadas do púlpito de um templo da cidade pelo dominicano frei António Pacheco:

*«Ora este Fr. António, no dia 13 de Março de 1809, depôs na sacristia de uma igreja de Penafiel a espingarda ainda ferrugenta, a espada tingida de sangue, e subiu ao púlpito. Estava presente o general Silveira, a coisa mais redondamente portuguesa, boçal e valente que deu o século.*

*O frade, também conhecido pelo Mestre-Índio, não orou, espumou sangue. Cada palavra reboava nas naves como artilharia grossa. Quando ele dizia – morra Napoleão! Morra a grã-besta do Apocalipse! Abaixo a estátua de Nabuco! - o povo urrava, e as peanhas dos Cristos, batidas pelas vibrações do ar revoltado daquelas baforadas de patriotismo e vinho, cambaleavam.*

*Os milicianos e guerrilhas saíram da igreja com fome e sede de carne e sangue franceses. Queriam ser mártires e antropófagos ao mesmo tempo. O religioso do hábito branco permitia-lhes e aconselhava-lhes, primeiro que o martírio, o cevo na carniçaria, espedaçar franceses a dente quando cansassem as garras»<sup>3</sup>.*

Assim se preparavam os ânimos da população<sup>4</sup>, cansada de alimentar as tropas que constantemente era obrigada a aboletar na cidade. Se olharmos para o mapa feito por ordem de sir Nicolao Trant, em 1813, que tem por matriz o de Custódio José de Villas-Boas de final do século XVIII, percebemos bem que

---

<sup>2</sup> Para uma leitura conjunta destas operações consultar: AZEREDO, Carlos de – *As populações a Norte do Douro e os franceses em 1808 e 1809*. Porto, 1984.

<sup>3</sup> CASTELO BRANCO, Camilo - *A enjeitada*, in *Obras completas*, vol. 5, Porto: Lello & Irmão Editores, 1986, p. 186-187.

<sup>4</sup> Em meados de Março de 1809, a Câmara volta a ouvir o Capitão-mor José Cardoso Pinto de Madureira Garcês dizer que era imperioso cumprir as ordens superiores e tratar da defesa da cidade, ameaçada de eminente ataque. AMPNF - A 18, Livro de registo das actas da Câmara: 1809, Março, 817



**«Cabos, anspeçadas e soldados**

*JANTAR ( setenta reis)*

*Hum vintem de broa*

*hua tigella de caldo*

*meio quartilho de vinho verde*

*meia posta de bacalhau*

*CEIA ( noventa reis)*

*hum vintem de broa*

*hua tigella de caldo*

*meio quartilho de vinho verde*

*cama e luz*

**Sargentos e Furrieis**

*JANTAR ( cem reis)*

*hum vintem de broa*

*hua tigella de caldo*

*hum quartilho de vinho verde*

*hua posta de carne cozida ou de  
bacalhao*

*CEIA ( cento e cinquenta reis)*

*hum vintem de broa*

*hua tigella de caldo*

*hum quartilho de vinho verde*

*meia posta de bacalhau*

*cama e luz*

**Capitães, Tenentes e Alferes**

*JANTAR ( duzentos e cinquenta reis)*

*hum prato de sopa*

*hum pão de trigo*

*hua posta de carne cosida*

*hum prato d'arroz*

*hum prato de meio*

*hum quartilho de vinho maduro*

*sobremeza*

*CEIA ( duzentos e trinta reis)*

*hum caldo*

*hum vintem de trigo*

*hum prato assado ou frito*

*hum quartilho de vinho maduro*

*cama e luz*

**Coroneis, Tenentes coroneis e Majores**

*JANTAR (oitocentos reis)*

*hum pão de trigo*

*sopa*

*hum prato de cosido*

*hum dito de arroz*

*dous pratos de meio*

*hua garrafa de vinho maduro*

*sobremesa*

*CEIA (oitocentos reis)*

*chá com torradas de manteiga*

*hum prato de hervas*

*hum dito de cosido*

*hum dito de assado ou frito*

*hum pão trigo*

*hua garrafa de vinho maduro*

*sobremesa*

*cama e luz»*

É evidente que, mal alimentados como ficavam no caso dos postos inferiores, sujeitos a grandes esforços físicos, estes homens tentariam deitar mão a tudo o que os pudesse saciar. Mais para o topo da hierarquia já se comia melhor, refeições abundantes e variadas, a que não faltava alguma sofisticação: o pão deixara de ser a broa de milho para passar a pão de trigo; o vinho era maduro e em garrafa, não o verde corrente; havia mesmo lugar para um prato de legumes e o chá com torradas amanteigadas.

Desta obrigação de acolher e alimentar as tropas decorriam muitos dos protestos dos penafidelenses, que ficaram registados nas actas da Câmara mesmo antes da ocupação da cidade pelos franceses. De um momento para o outro, os cidadãos viam as casas devassadas e esgotados os bens alimentares de que necessitariam ao longo do ano, para não falar na radical aversão ao clima de guerra e mobilização que arrastava os elementos masculinos da comunidade, principal força de trabalho nos campos e nas oficinas. Em 1820 ainda são pelo menos vinte e quatro as casas recenseadas como ocupadas por militares ou destinadas a *quarteis da tropa*<sup>6</sup>. Pagar o aluguer de aposentos ou a estadia na estalagem podia ser uma alternativa menos má para quem tinha posses e não queria receber estranhos em casa. Em 1809 a Câmara decide mesmo cobrar tachas mais elevadas sobre alguns artigos para pagar o custo de enviar os militares para as estalagens<sup>7</sup>.

\*

Mas a guerra chegou mesmo a Penafiel no final de Março de 1809. Londonderry<sup>8</sup> caracterizou desta forma a situação: «*Encouraged by this success, he [Silveira] proposed to follow the steps of the French army, and, if possible, to cut off their detachment at Braga, as he had done at Chaves; but intelligence of the fall of Oporto caused him to relinquish that determination, whilst a rumour of an intended movement through the province of Tras os Montes, by way either of Canavezes or Entre Ambos Rios, induced him to act upon another. He immediately occupied the*

---

<sup>6</sup> AMPNF - A 1478, Livro do lançamento da décima desta cidade: 1820. O Batalhão de Caçadores 6 estacionava em Penafiel desde a guerra peninsular, alojado em casas dispersas pela cidade, alugadas e sem condições de habitabilidade. Mas, como se tratava de edifícios particulares não se realizavam obras de adaptação, queixando-se os militares de também não terem local para fazer o rancho nem horta para o fornecer: Arquivo Histórico Militar 3ª Divisão, 20ª Secção cx 4, nº 36 e 37; cx 7 nº 46; cx 8 nº15; cx 12 nº 52.

<sup>7</sup> AMPNF - A 18, Livro de registo das actas da Câmara: 1809, Março, 8.

<sup>8</sup> LONDONDERRY, Charles William Vane - *Narrative of the peninsular war from 1808 to 1813*, 3ª ed., London, 1829, p. 317-318.

*villages above-named; repulsed the enemy in two attempts upon the former; and reaching Amarante just as a body of French troops were advancing upon it, compelled them to retire to Penafiel, and himself took possession of the city».*

[Encorajado por este sucesso, [Silveira] propôs-se seguir na pegada do exército francês e, se possível, desmembrar o respectivo destacamento em Braga como fizera em Chaves; mas, tendo tomado conhecimento da queda do Porto, teve de alterar essa decisão, ao passo que o rumor de um pretenso movimento através da província de Trás-os-Montes, ou por Canaveses, ou por Entre-os-Rios, o induziu a outra resolução. Ocupou imediatamente as localidades acima mencionadas, repeliu o inimigo por duas vezes na primeira e, chegando a Amarante exactamente quando o corpo das tropas francesas avançava sobre a localidade, obrigou-os a retirar para Penafiel, e foi ele quem tomou posse da cidade].

As memórias do marechal Soult<sup>9</sup> mencionam também a deslocação de um corpo do exército francês para o Tâmega e a ocupação de Penafiel, cidade abandonada pelos habitantes: «*Dans la journée du 12 d'avril, Loison s'était retiré derrière la Souza et installé à Baltar. Cette position était bonne, mais le corps portugais de Silveira, réuni à Penafiel, se trouvait trop rapproché d'Oporto. Le 14, nos reconnaissances poussaient jusqu'à Penafiel. Cette localité, évacuée par l'ennemi, était occupée le lendemain*».

[Durante o dia 12 de Abril, Loison havia recuado para aquém do Sousa e tinha-se instalado em Baltar. Esta posição era boa, mas o corpo português de Silveira, reunido em Penafiel, encontrava-se demasiado próximo do Porto. A 14, os nossos destacamentos de reconhecimento avançaram até Penafiel. Esta localidade, evacuada pelo inimigo, seria ocupada no dia seguinte].

Idêntica visão dos acontecimentos nos transmitem Charles Oman e Hamilton, respectivamente: «*When, therefore, the troops under Loison, which Soult had sent out towards the Tras-os-Montes, drew near the Tamega, they found the Portuguese in force. The cavalry could get no further forward than Penafiel*»<sup>10</sup>; «*A body of six thousand men, under Delaborde and Loison, were accordingly despatched with orders to gain possession of the bridge, at any sacrifice. General Silveira was at*

<sup>9</sup> SAINT-PIERRE, Louis et Antoinette - *Memoires du Maréchal Soult. Espagne et Portugal*. Paris, 1955, p. 88.

<sup>10</sup> OMAN, Charles - *A history of the peninsula war*, vol. 2, Oxford, 1903, p. 267.

*Penafiel, from which town he withdrew on the approach of the enemy, and fell back to the Campo de Manhufe»<sup>11</sup>.*

[Por conseguinte, quando as tropas comandadas por Loison, que Soult tinha enviado em direcção a Trás-os-Montes, alcançaram o Tâmega, depararam com os portugueses em força. A cavalaria não conseguiu ir mais longe do que Penafiel]; [consequentemente, um corpo de seis mil homens, comandados por Delaborde e Loison, foram enviados com ordens para tomar posse da ponte a qualquer custo. O general Silveira estava em Penafiel, de onde retirou perante a aproximação do inimigo, recuando para Campo de Manhufe].

Mais interessante do que qualquer das precedentes notícias é o quadro da cidade, aquando da chegada dos franceses, traçado por Robert Southey<sup>12</sup>: *«When the enemy entered Penafiel the scene was such as to abhorrence which they had excited and deserved. The whole city was deserted; all food and every thing that could have been serviceable to the invaders had been either carried away or destroyed. Every house had been left open; the churches alone were closed, that the Portugueze might not seem to have left them open to pollution. The very silence of the streets was awful, broken only when the clocks struck; and now and then by the howling of some of those dogs who, though living, as in other Portugueze towns, without an owner, felt a sense of desertion when they missed the accustomed presence of men. The royal arms upon the public buildings had been covered with black crape, to indicate that in the absence of the Braganza family Portugal was widow. Of the whole population one old man was the only living soul who remained*

<sup>11</sup> HAMILTON, Th. - *Annals of the peninsular campaigns from 1808 to 1814, by the author of Cyril Thornton*, vol. 2, Edimburgo, 1829, p. 189.

Muitas outras narrativas da Guerra Peninsular mencionam Penafiel mas, aquelas que consultámos directamente nada acrescentam às imagens aqui recolhidas. Citamos, a título de exemplo: *Aperçu nouveau sur les campagnes des français en Portugal en 1807, 1808, 1809, 1810 et 1811; contenant des observations sur les écrits de M M le baron Thiebaut, lieutenant général; Naylies, officier supérieur des gardes du corps de Monsieur; Gingret, chef de bataillon en demi-activité*. Paris, 1818, p. 136. (Obra atribuída por M. Bernardes Branco ao general Pamplona); *Bulletins of the campaign, 1793-1813*. London, 1809, p. 192-193. *A history of the campaigns of the british forces en Spain and Portugal, undertaken to relieve those countries from the french usurpation; comprehending memoirs of the operations of the interesting war, characteristic reports of the spanish and portuguese troops, and illustrative anedoctes of distinguished military conduct in individuals, whatever their in the army*, vol. 4, London, 1813, p. 169 e 206; MARBOT, Jean Baptiste Antoine Marcellin de - *Mémoires du général baron de Marbot*, vol. 2, Paris, 1811, p. 370; SARRAZIN, M. - *Histoire de la Guerre d'Espagne et de Portugal de 1807 a 1814*. Paris, 1814, p. 75-76; WARRE, William - *Letters from the Peninsula - 1808-1812*. London, 1909, p. 62.

<sup>12</sup> SOUTHEY, Robert - *History of the Peninsular war*, vol. 3, London, 1832, p. 394-395.

*in the town. Being in extreme old age, he was either unable to endure the fatigue of flight, or desirous of ending his days in a manner which he would have regarded as a religious martyrdom; he placed himself, therefore, on a stone seat in the market-place; there the French found him in the act of prayer, while the unsuppressed expression of the strong features and fiery eye told them in a language not to be misunderstood that part of his prayer was for God's vengeance upon the invaders of his country....and here a beautiful lady, whose abode was near Penafiel, had raised some hundred followers; and in the sure war of destruction which they were carrying on, encouraged them, sword in hand, by her exhortations and her example».*

[Quando o inimigo entrou em Penafiel, o cenário condizia com a aversão que tinha provocado e merecido. A cidade estava totalmente deserta; toda a comida e outras coisas que pudessem ser úteis aos invasores haviam sido levadas ou destruídas. As casas foram deixadas abertas, apenas as igrejas ficaram fechadas, para que não parecesse que os portugueses as tinham deixado expostas ao sacrilégio. Até o silêncio das ruas era terrível, quebrado apenas pelo bater das horas nos relógios e, de quando em quando, pelo uivar dos cães que, apesar de serem daqueles que vivem sem dono como sucede em outras cidades portuguesas, se sentiram abandonados quando lhes faltou a habitual presença dos homens. As armas reais dos edifícios públicos tinham sido cobertas com crepe negro, para assinalar que Portugal ficara viúvo na ausência da família de Bragança. De toda a população não restara viva alma na cidade, com a excepção de um velho. Sendo extremamente idoso, ou fora incapaz de enfrentar a fadiga da fuga ou desejava acabar os seus dias de uma forma que se lhe afiguraria como um martírio pela religião; assim, posicionou-se num banco de pedra do mercado; foi aí que os franceses o encontraram, a orar enquanto a expressão carregada do semblante e o luzir flamejante dos olhos lhes dizia, numa linguagem sem ambiguidades, que parte da oração se destinava a pedir a Deus vingança dos invasores do seu país... e aqui uma bela senhora, com residência perto de Penafiel, reunira umas centenas de seguidores e, na continuidade da guerra de destruição que levavam adiante, encorajou-os, espada na mão, com exortações e o seu exemplo].

O autor colheu a informação de Naylies<sup>13</sup>, que cita. Este último deixou-nos as suas *Mémoires sur la guerre*, que são as mais detalhadas quanto à presença francesa em Penafiel e as mais realistas visto derivarem de uma experiência vivida. Por isso, é este oficial que nos servirá de guia:

*«Le 31 mars, nous passâmes la Souza, et nous établîmes nos bivouacs à Penafiel, autrefois appelé Arifana; cette petite ville est bâtie sur le penchant d'une montagne: elle forme un défilé très-étroit d'une demilieue; car elle n'a qu'une seule rue qui se prolonge du haut en bas de la montagne. Le 18<sup>o</sup> régiment de dragons occupa la partie haute de la ville, et le 19<sup>o</sup> la partie basse».*

[No dia 31 de Março passámos o Sousa e estabelecemos os nossos bivaques em Penafiel, outrora chamada Arrifana; esta pequena cidade está construída sobre a vertente de uma montanha; forma um desfiladeiro muito estreito com meia légua, porque tem apenas uma rua que se alonga do topo ao sopé da montanha. O 18<sup>o</sup> regimento de dragões ocupou a parte alta da cidade, e o 19<sup>o</sup> a parte baixa].



Fig. 2 Ponte de Cepeda sobre o rio Sousa

<sup>13</sup> NAYLIES, M. de - *Mémoires sur la guerre d'Espagne pendant les années 1808, 1809, 1810 et 1811*. Paris, 1817, p. 101-112 e p. 121-123.

O exército, com as suas carroças de bagagem e artilharia pesada necessitava de se deslocar pelas estradas, por isso utilizou a estrada real do Porto, que cruzava o rio Sousa na medieva ponte de Cepeda, em Guilhufe, iniciando a aproximação a Penafiel pela subida da Costeira, passando a seguir a área aplanada, hoje coberta pelas vinhas da Aveleda e à época com campos de cereal cercados por uveiras e olivais, que tantas vezes serviram de protecção aos furtivos atiradores da guerrilha, para por fim vencer a restante diferença de cotas, que ronda os noventa metros, até ao início da área urbana.



Fig. 3 Aproximação à cidade de Penafiel (*Portugal Pittoresco*, 1885)

Depois, a estrada real passava a ser o eixo central da cidade, cujas casas e igrejas se foram construindo em banda, como podemos ver na planta, muito mais tardia, se concentrarmos o olhar no arruamento antigo que segue encosta acima: Santo António Velho, hoje rua do Carmo, a rua Direita que começava abaixo da matriz e ia até à Ajuda, e a de Cimo de Vila (rua Alfredo Pereira), num comprimento de cerca de 800 metros, em que a diferença de cotas volta a ser de noventa metros.



Fig. 4 Planta da cidade com a reconstituição do percurso da Estrada Real (H. Bernardo)



Fig. 5 Perspectiva da rua Direita, antiga Estrada Real

Foi feliz a imagem de Naylies quando comparou esta longa rua a um desfiladeiro. De facto as casas marginavam a rua sem deixar espaços entre elas, já

que os quintais ficavam para as traseiras. O piso térreo seria, na maior parte dos casos, ocupado por oficinas das mais diversas profissões, predominando ferreiros, carpinteiros, sapateiros e alfaiates. Nos andares superiores habitavam algumas famílias destes homens dos mesteres mais bem sucedidos e outros grupos de estatuto social superior e maiores posses: padres, funcionários, proprietários, comerciantes, etc.<sup>14</sup>.

No momento em que os franceses entraram na cidade, temerosos de um ataque vindo dos sobrados e coberturas, depararam com as ruas vazias, as habitações com as portas abertas, apenas estando fechadas as igrejas para não serem imediatamente profanadas. Os edifícios públicos tinham as armas reais carregadas de luto. Os habitantes, esses, haviam partido:

*«Devancés par la terreur qu'inspiroit notre nom, nous ne trouvâmes pas d'habitants dans Penafiel: un vieillard octogénaire, qui n'avait pu suivre les siens dans les rochers, restoit seul; il étoit assis sur une borne, dans la place publique, et adressoit des prières au ciel. Le feu qui brilloit dans ses yeux, et les regards qu'il nous lançoit, indiquoient bien la nature des souhaits qu'il faisoit pour nous: Un silence effrayant régnoit dans la ville; il n'étoit interrompu que par le son uniforme des heures, et par les aboiemens de quelques chiens abandonnés. Les armes de la maison de Bragançe, placées sur les édifices publics, étoient couvertes d'un crêpe noir, et sembloient porter le deuil de la patrie. Toutes les habitations étoient ouvertes; les églises seules étoient fermées, comme si notre aspect en eût dû profaner la sainteté. Les comestibles, et tout qui pouvoit nous être utile, avoient été enlevés ou détruits»*

[Precedidos pelo terror que o nosso nome inspirava, não encontramos habitantes em Penafiel: um octogenário, que não tinha podido acompanhar os seus até às fragas, ficara sozinho; estava sentado num marco, na praça pública, e dirigia orações ao céu. O fogo que brilhava nos seus olhos e os olhares que nos lançava indicavam bem a natureza dos votos que fazia para nós.

Um silêncio aterrador reinava na cidade, apenas interrompido pelo som regular da batida das horas e pelo latir de alguns cães abandonados. As armas da Casa de Bragança, nos edifícios públicos, estavam cobertas por crepes negros e pareciam significar o luto da pátria. Todas as casas estavam abertas, apenas as igrejas se encontravam encerradas, como se a nossa figura profanasse a santidade.

<sup>14</sup> SOEIRO, Teresa – *Penafiel*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

Os comestíveis, e tudo o que nos pudesse ser útil, tinham sido retirados ou destruídos].

A cidade, evacuada, não ofereceu resistência e talvez por isso foi poupada, contrariamente ao que sucedeu, por exemplo, à vizinha Amarante. Os edifícios públicos marcantes permaneceram intactos: a igreja matriz quinhentista e o Hospital que lhe ficava diante; a Casa da Câmara e cadeia erguida ainda no século XVIII, quando Penafiel passou a ser vila (1741) e cidade (1770); a igreja da Misericórdia, do início do século XVII, que acabava de ser engrandecida com uma segunda e inacabada fachada monumental; a Casa da Correição, no ângulo do rocio da Piedade, que depois passou a quartel; o convento de Santo António dos Capuchos que viria a arder vinte e cinco anos mais tarde, no decorrer da guerra civil, salvando-se apenas a igreja; o recolhimento de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição cujos terrenos tão cobiçados virão a ser quando a cidade do liberalismo se expandir para a nova estrada/avenida. Os arquivos das instituições também não mostram danos.



Fig. 6 Igreja Matriz, na rua Direita (MMPNF/Casa Alvão)



Fig. 7 A setecentista Casa da Câmara



Fig. 8 Obra da nova fachada lateral da Igreja da Misericórdia, no largo da Chans

Os franceses acamparam, ou montaram os seus bivaques, nos dois extremos da cidade, o que não quer dizer que não a tenham vasculhado toda à procura de objectos de valor, metais preciosos como as alfaias religiosas e,

sobretudo, de comida e roupas que lhes podiam ser imediatamente úteis. Os exércitos deste tempo não carregavam consigo alimentos necessários à subsistência dos homens e dos animais, deviam consegui-los no terreno ocupado, em acções altamente depredatórias que podiam espalhar a fome por muitos anos, se também fossem consumidas as reservas de cereal para sementeira, mortos os animais de trabalho ou cortadas as vides, fruteiras e oliveiras que exigiam grande investimento para serem replantadas e demorariam a produzir.

A resistência adoptada pelos populares e as milícias deu primazia às tácticas de guerrilha, atacando constantemente os bivaques e as patrulhas em movimento:

*«Nous opérâmes notre retraite [de Canaveses] sur Penafiel, emmenant nos blessés. Nous fûmes harcelés jusque dans nos bivouacs par une multitude de paysans, qui sembloient sortir de la terre ou tomber des nues dès que nous étions un peu éloignés.*

*Le 3 avril, la haute ville et nos bivouacs de Penafiel furent attaqués par une forte reconnoissance, venue d'Amarante; l'ennemi fut repoussé et poursuivi jusques dans les rochers voisins.*

*Le 4, environ 600 paysans, débouchant par la route de Guimarens, se placèrent sur la Souza; leurs tirailleurs attaquèrent nos postes avancés. Pendant huit jours, nous fûmes continuellement sur pied, pour repousser les nombreux assaillants, qui, à la faveur des rochers et des plantations d'oliviers, se glissoient près de notre camp, et tiroient dans nos barraques et sur nos chevaux; ils pousoient le fanatisme jusqu'à se livrer à une mort certaine, pourvu qu'ils pussent tuer un Français. Dès qu'ils s'aventuroient dans une petite plaine voisine de notre bivouac, nous les chargions avec vigueur: nous les tuâmes un grand nombre; le reste, loin d'en être intimidé, n'en devenoit que plus furieux»*

[Efectuámos a retirada para Penafiel, levando os feridos. Fomos incomodados até aos nossos bivaques por uma multidão de camponeses, que pareciam sair da terra ou cair das nuvens logo que nos afastássemos um pouco.

A 3 de Abril, a parte alta da cidade e os nossos acampamentos de Penafiel foram atacados por um forte destacamento de reconhecimento vindo de Amarante; o inimigo foi rechaçado e perseguido até aos penedos vizinhos.

A 4, cerca de 600 camponeses, vindos da estrada de Guimarães, colocaram-se sobre o Sousa; os seus atiradores atacaram os nossos postos avançados. Durante oito dias permanecemos continuamente alerta, para repelir os numerosos

assaltantes que, a coberto dos rochedos e dos olivais, se infiltravam até às imediações do nosso campo e atiravam sobre as nossas barracas e cavalos; levavam o fanatismo ao ponto de se entregarem a uma morte certa, desde que pudessem matar um francês. Logo que se aventuravam numa pequena planície vizinha do nosso acampamento, carregávamos com vigor, e matámo-los em grande número; os restantes, longe de ficarem intimidados, tornavam-se ainda mais furiosos].

Entre avanços e recuos, os dias seguiam-se somando baixas para ambos os lados. Mas Naylies recorda o recrudescer das ofensivas sempre que chegavam notícias de derrotas francesas em outras cidades.

Especialmente marcante parece ter sido a presença de uma mulher à frente destas improvisadas hostes:

*«Ces nouvelles [libertação de Vigo] ranimèrent le courage des habitants, que la prise de Porto avoit consternés, et ils allèrent en foule se ranger sous les drapeaux de Silveyra. Ils furent aussi joints par les nombreux admirateurs d'une dame des environs de Penafiel, célèbre par sa rare beauté. Méprisant le repos et la timidité naturelle à son sexe, cette fière Portugaise, l'épée à la main, le casque en tête, avoit, par ses exemples et ses discours; enflammé tous les esprits. Promettant aux uns les lauriers de la gloire et la reconnaissance; flattant les autres d'un espoir que ses beaux yeux rendoient bien doux, elle voyoit marcher sous sa bannière plusieurs centaines d'hommes, qui la reconnoissoient pour leur chef. Je suis bien fâché d'avoir oublié le nom de cette amazone».*

[Estas notícias reavivaram a coragem dos habitantes, que a tomada do Porto tinha consternado, e partiram em massa para se alistar sob as bandeiras de Silveira. Também se juntaram a eles os numerosos admiradores de uma dama das cercanias de Penafiel, célebre pela sua rara beleza. Desprezando o recato e a timidez natural do seu género, esta orgulhosa portuguesa, espada na mão e capacete na cabeça, tinha pelo seus exemplos e discursos incendiado todos os espíritos. Prometendo a uns os louros da glória e o reconhecimento, encantando os outros com uma esperança que os seus belos olhos tornavam mais doce, via marchar sob o seu estandarte várias centenas de homens que a reconheciam como chefe. Lamento ter esquecido o nome desta amazona].

Acossado em várias frentes, o exército francês ver-se-á obrigado a retirar de Penafiel em meados de Abril, tendo a cidade sido novamente ocupada, alguns dias depois, por um breve período. Na memória do militar que vimos a acompanhar, este primeiro momento de retirada frente às tropas de Silveira foi algo de aterrador e ao mesmo tempo inacreditável. A cidade, que parecera vazia, renascia como que por magia, despertada pela voz dos sinos tocados a rebate, a gente acorrendo a ocupar as casas e as igrejas, arremessando com toda a espécie de objectos que pudessem ferir ou matar os invasores:

*«Le 12 avril, à midi, l'ennemi, venu d'Amarante, nous attaque sur trois points ... nous quittâmes Penafiel... Le général Silveyra commandoit cette expédition; il avoit sous ses ordres un capucin connu, dans le pays, par son audace et sa force prodigieuse: ont le nommoit le capitaine More: vêtu de rouge, avec une ceinture noire, on le voyoit à la tête de toutes les attaques; il entra un des premiers dans Penafiel. Cette ville, dans la quelle nous n'avions vu personne pendant notre séjour, fut bientôt remplie d'habitants; ils paroisoient, comme par enchantement, aux fenêtres et sur les toits, lançant des pierres, des meubles, et tout ce qui se présentoit sous leurs mains. Un misérable savetier, qui avoit beaucoup gagné avec nous, se distingua par son acharnement; il jetoit à la tête des fantassins de l'arrièregarde, ses formes, ses outils, et paroisoit y mettre d'autant plus d'animosité qu'il craignoit que ses concitoyens ne lui fissent un crime d'avoir travaillé pour nous. Le tocsin se faisoit entendre de toutes parts; le son lugubre et redoublé des cloches, imprimoit une sorte d'épouvante que n'avait jamais inspiré le bruit du canon et de la fusillade.*

*Comme nous passions près d'une église, des coups de fusil, tirés par les fenêtres, nous blessèrent quelques hommes, et tuèrent plusieurs chevaux».*

[A 12 de Abril, ao meio-dia, o inimigo vindo de Amarante atacou-nos em três pontos... abandonámos Penafiel. O general Silveira comandava esta expedição; tinha sob as suas ordens um capuchinho, conhecido na região pela sua audácia e força prodigiosa, chamavam-lhe capitão-mor: vestido de vermelho, com uma faixa negra, foi visto à cabeça de todos os ataques, um dos primeiros a entrar em Penafiel. Esta cidade, na qual não tínhamos visto ninguém durante a nossa estadia, encheu-se repentinamente de habitantes: apareciam como que por encanto nas janelas e em cima dos telhados, lançando pedras, móveis e tudo o que lhes vinha às mãos. Um miserável sapateiro remendão, que muito ganhara connosco,

distinguiu-se pelo encarniçamento, atirava à cabeça dos soldados da retaguarda as suas formas e utensílios, e parecia colocar nisso ainda mais animosidade, já que temia que os seus concidadãos o acusassem do crime de ter trabalhado para nós. O toque dos sinos fazia-se ouvir por todos os lados, o som lúgubre e a rebate imprimia um pavor como nunca me inspirara o troar de um canhão ou da fuzilaria. Ao passar junto de uma igreja, tiros de espingarda disparados pelas janelas feriram-nos alguns homens e mataram diversos cavalos].

Aqui termina, nas *Memoires*, o relato da experiência vivida por Naylies em Penafiel.

A cidade foi reocupada a 15 de Abril e assim permaneceu até meados do mês seguinte. Entretanto, os combates prosseguiram em Amarante, perdida e recuperada por Silveira. A região ainda assistirá à retirada de Soult, que aqui se viu obrigado a abandonar o produto dos saques, muita da equipagem e grande soma de moeda, fazendo-os explodir para, carregando apenas comida e munições, poder tomar os difíceis caminhos de montanha por onde escapou do país. A decisão, por inusitada, marcou as memórias da guerra. O episódio ter-se-ia desenrolado perto do rio Sousa, ao subir a serra de Santa Catarina, mas muitos autores atribuem-no a Penafiel, o núcleo urbano dominante naqueles contornos:

*«Perceiving that there was no way of getting rid of the mass of silver, Soult at last ordered the fourgons containing it to be dragged alongside of the powder wagons. When the train was exploded, after the rearguard had passed, the money was scattered to the winds. For years after the peasants of Penafiel were picking up stray coins on the hillside»<sup>15</sup>.*

[Apercebendo-se de que não havia modo de se desembaraçar da grande quantidade de prata, Soult acabou por ordenar que os carros que a transportavam fossem colocados ao lado das carroças da pólvora. Quando fizeram explodir o comboio, após as tropas da retaguarda terem passado, o dinheiro foi lançado aos quatro ventos. Durante muitos anos os camponeses de Penafiel apanharam moedas dispersas pelas encostas].

O território apenas ficará mais seguro após esta partida dos franceses, retomando então lentamente o quotidiano. No regresso hesitante às rotinas, a

---

<sup>15</sup> OMAN, Charles - *A history of the peninsula war*, vol. 2, Oxford, 1903, p. 348.

Câmara, envergonhada, não se esqueceu de riscar no livro de actas, que é o mesmo antes e depois da ocupação, as decisões do executivo tomadas desde 1807 por ordem do governo invasor.

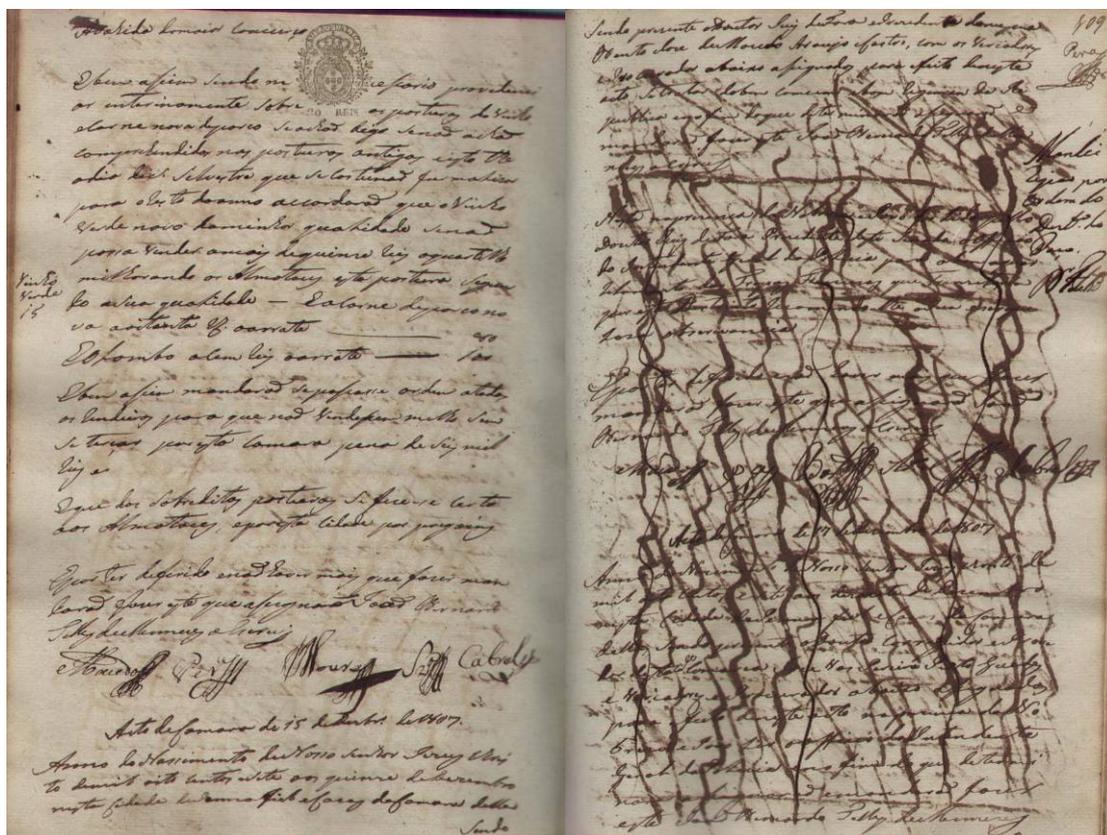


Fig. 9 Livro de Actas da Câmara Municipal de Penafiel (AMPNF)

Em 1809 as reuniões da Câmara Municipal haviam sido interrompidas em 26 de Março, em sincronia com a evacuação da população, e apenas se retomam a meados de Junho, para tratar dos assuntos banais, sendo tardio o balanço dos danos causados aquando da presença francesa e as queixas débeis, mais parecendo formuladas por mimetismo das apresentadas por outros lugares que sofreram grandes perdas, nomeadamente Amarante: «*neste se representou a Sua Alteza Real a extrema necessidade em que se achavão os moradores desta cidade pela invazão do exercito dos franceses, comuns inimigos que destruirão e arruinarão não só as cazas mas os fructos*»<sup>16</sup>. Prejuízos mais detalhados no texto da representação enviada nesse mesmo dia: «*e tendo fugido precipitadamente todos os seos moradores, não só forão saqueados do pão, vinho, azeite e carnes*

<sup>16</sup> AMPNF – A 18. Livro de registo dos actos da Câmara: 1809, Junho 19.

de porco, generos da primeira necessidade, mas de outros consideraveis moveis, alfaias, e dinheiros, arruinando-se-lhes as janellas, e portas das cazas, quebrando-lhes e queimando-se-lhes mezas, cadeiras, leitos, barras, louças, e outros trastes»<sup>17</sup>.

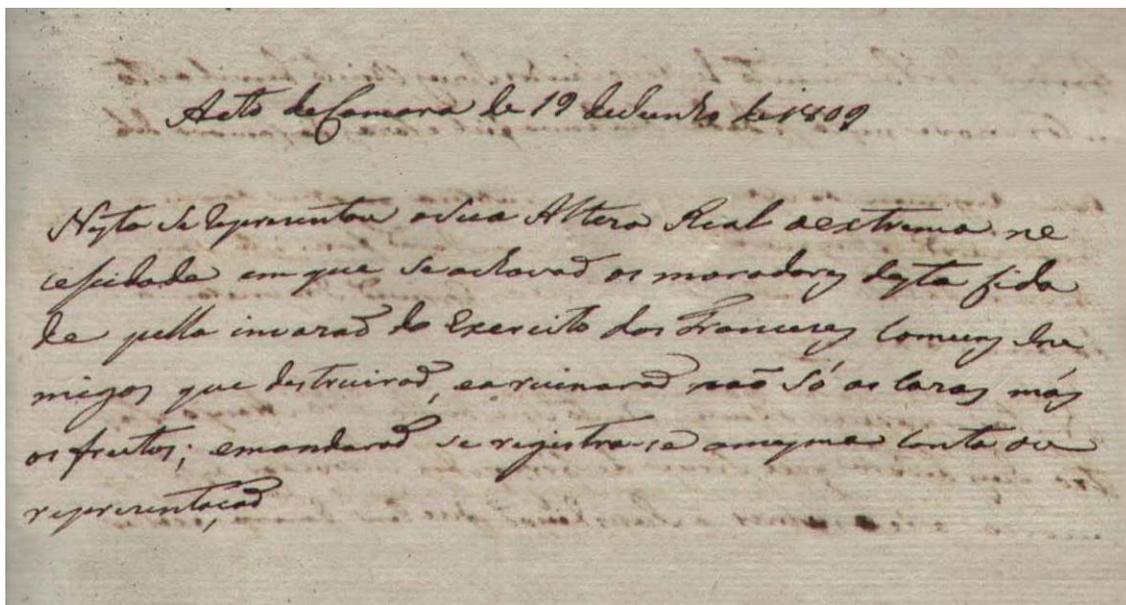


Fig. 10 Actas da Câmara subsequente à retirada dos exércitos franceses (AMPNF)

Não se reportam incêndios de edifícios públicos, roubos espectaculares nem grande número de mortes. Nos registos paroquiais há nota de 121 pessoas enterradas nesta conjuntura de guerra, muitas certamente abatidas pelos franceses. Mas outras podem ter perecido às mãos dos próprios conterrâneos, se estes tivessem suspeitado que eram simpatizantes do invasor. Destes mortos, 18 eram paroquianos da cidade, 13 de Guilhufe, 12 de Fonte Arcada, 10 de Santiago, 9 de Marecos, 8 de Croca e de Paço de Sousa, 7 de Novelas e por aí adiante, diminuindo o número de elementos de cada paróquia, e em algumas, mais afastadas da rota dos exércitos, não foi enterrado ninguém falecido na guerra<sup>18</sup>.

Enfim, a vida continuou, e porque a partir de Junho o país já estava livre dos franceses, a feira de S. Martinho de Novembro, momento maior do ano penafidelense, aquele em que se movimentavam milhares de pessoas e volumosos recursos, voltou a fazer-se.

<sup>17</sup> AMPNF - A 110, Livro de registo geral: 1809, Junho, 19.

<sup>18</sup> SOUSA, António Gomes de - Penafidelenses mortos pelos franceses em 1809. Penafiel, 1990.



Fig. 12 Feira de São Martinho (MMPNF)

A esta segunda invasão francesa seguiu-se ainda uma terceira, que já não decorreu no espaço do Entre-Douro-e-Minho, embora as tropas por aqui passassem e pernoitassem a caminho das Beiras<sup>19</sup>.

Uma vez confirmada a vitória, sir Nicolao Trant, oficial do exército britânico e governador militar do Porto, irá realizar por estas terras uma longa visita de promoção e pacificação social, que passará pelo município de Penafiel, a caminho de Alpendurada (Marco de Canaveses), mas sem paragem na cidade ou qualquer recepção oficial por parte das autoridades locais. A comitiva teve ocasião de pernoitar em casas fidalgas de Bustelo e Paço de Sousa, de fazer uma refeição no

<sup>19</sup> Veja-se, por exemplo, *Personal narrative of adventures in the peninsula during de war in 1812-1813, by an officier late in the staff corps regiment of cavalry*. London, 1827, p. 45-46: «It was late in the afternoon of the 24th ult. when I left Oporto. The same evening I reached Penafiel, distant six leagues. The Juiz de Fora assigned me a billet on an inn kept by a man of colour, Señor Thomas: which is a very convenient way of giving your patron - a name by which the master of the house is always recognized - an opportunity of indemnifying himself for his gratuitous lodging».

mosteiro beneditino de Bustelo e de ser calorosamente recebido em Entre-os-Rios, onde tomou a barca para o destino desejado. A narrativa desta deslocação, iniciada a 19 de Maio de 1814, é feita pela jovem filha de Trant, Clarissa, num tom intimista, bem diferente do usual nos relatos militares, e denota um certo retorno à normalidade e harmonia das gentes e da paisagem rural, profundamente antropizada.

A autora começou por ficar bastante mal impressionada com a paragem, para muda, realizada em Valongo, que qualificou como *aldeia suja, cheia de mendigos e crianças mal alimentadas*. Daqui seguiram para a primeira escala, em Bustelo, a um dia de Viagem do Porto: *«a nossa primeira visita foi à quinta do coronel Menezes, onde chegámos tarde por nos termos perdido no caminho, viajando depois do anoitecer à luz de tochas. Fomos apresentados pelo nosso anfitrião amistoso a Donna Archangela, sua jovem esposa, cuja cara feia e modos desagradáveis não se harmonizavam com o seu nome angélico. Ergueu-se para nos receber e depois retomou a sua postura confortável e reclinada no sofá envolta por um enorme capote, com um palito na boca, o que lhe proporcionava uma boa desculpa para se manter em silêncio. Os nossos quartos tinham sido recentemente caiados e ainda estavam húmidos – os lençóis estavam molhados, mas eram todos enfeitados com muitas rendas; as almofadas eram cheias com palha, mas decoradas com laços de fita cor de rosa!! No entanto, apesar dos lençóis húmidos, camas duras, mosquitos, ratazanas e ratos, dormimos até às seis horas, quando a bela Archangela bateu à nossa porta para saber se estávamos confortáveis e com vontade de tomar o pequeno almoço. Quando esta refeição terminou, foi difícil decidir como o grupo deveria aproveitar, ou melhor, mal aproveitar o seu tempo até ao jantar. Concordou-se numa partie de chasse, e as senhoras foram convidadas a assistir; mas, se eu tivesse adivinhado a cena horrível de carnificina que se ia seguir, teria pedido insistentemente para ir estudar as minhas lições, em vez de me deliciar com tal festa. Um grupo enorme de cavalheiros reuniu-se num imenso campo onde estava um criado com um saco cheio de pobres coelhos meio domésticos. Foram tirados e lançados do saco um por um para fugirem o mais depressa possível através do campo, seguidos por uma matilha de cães de caça e foram, claro, imediatamente devorados.*

*Fomos convidados para almoçar com os monges do Convento de Postella e, apesar de hereges, fomos bem e calorosamente acolhidos no espaço onde Donna*

*Archangela, a esposa do nosso anfitrião, apesar de ser uma boa católica, não podia ter acesso. O Superior do Convento fez as honras da mesa do almoço, enquanto quinze ou vinte jovens frades bem parecidos e atrevidos estavam de pé atrás das nossas cadeiras, rindo-se com vontade com o espectáculo invulgar de ver elementos do sexo feminino nos aposentos do próprio Superior. Havia uma profusão de doçarias e todos os luxos.*

*Daí seguimos por Penafiel para a bela quinta do Coronel Leite em Paço de Suza onde o meu pai tinha prometido ficar alguns dias. Este fidalgo tinha-se casado há dez dias apenas, e a sua linda noivinha, Donna Emília Delphina que acabara de completar dezasseis anos, fazia agora pela primeira vez de Dame du Château. Recebeu-nos nas escadas da casa, rodeada por uma multidão de criados e camponeses todos vestidos com os seus melhores fatos. Vários dos nossos conhecidos do Porto e um grupo de oficiais juntaram-se a nós ao jantar, onde teve lugar uma magnífica exibição de baixela de prata, acompanhamento musical, fogo de artifício a crepitar e sessão de cumprimentos na perfeição.*

*Ficámos encantados com esta região tão pitoresca e fértil. O rio Seiza serpenteando calmamente pelos campos esmaltados com todo o tipo de flores selvagens, as vinhas penduradas como ricas grinaldas, os campos de milho baloiçando-se com brisa constante, o Convento de Paco a espreitar através dos bosques densos e, ao longe, o pico coberto de neve da Serra do Marao reuniam-se para formar uma lindíssima paisagem do Sul da Europa. Ao jantar o nosso grupo aumentou com a chegada de uma delegação de monges mais velhos e muito feios enviados pelo Superior do Convento para cumprimentar o meu pai. Jantaram numa mesa separada, mas depois foram chamados para se juntarem a nós para dar três vivas depois de cada brinde que era proposto. Nunca esquecerei os trejeitos e atitudes desastradas dos pobres frades quando obrigados a pôr-se de pé de copo na mão; mas eles, de bom humor, seguiam o exemplo dos militares ao seu lado, e não eram nada avessos a engolir alguns copos de vinho do Porto antigo e espumante do Coronel Leite.*

*Em Ambos os Rios fomos recebidos com foguetes como era costume e cobertos com pétalas de rosa e flores de laranjeira. Tinham-nos preparado um barco decorado com ornamentos de todas as igrejas das redondezas. Estava coberto com um dossel de damasco vermelho, forrado de seda amarela e guarnecido com fita*

dourada»<sup>20</sup>. Daqui seguiram pelo rio até Alpendurada, onde continuaram a ser magnificamente acolhidos por clérigos e fidalgos.

\*

Terminada a guerra peninsular, os estrangeiros que nela participaram editaram muitos livros de memórias, como já o tinham feito os viajantes setecentistas que os precederam<sup>21</sup>, mas com leituras ainda fortemente marcadas pelos interesses

<sup>20</sup> SOUSA, Maria Leonor Machado de – *A guerra peninsular em Portugal: relatos britânicos*. Lisboa, 2007, p. 95-97.

<sup>21</sup> Durante o século XVIII, os viajantes estrangeiros já nos tinham brindado com importantes descrições do país. Vários passariam nesta estrada mas sem relatarem a impressão colhida. Escolhemos duas exceções anteriores às invasões, para documentar a imagem de Penafiel retida pelo olhar crítico destes viandantes muito especiais. Thomaz Woodmass, filho de comerciantes com actividade no Norte de Portugal, é enviado pela família para contactar directamente com a área onde se desenvolviam os interesses da firma. Deslocou-se a Viana do Castelo, regressou ao Porto e, de seguida, partiu para o Alto Douro. Dos relatos/cartas que escreveu sobre as suas itinações destacamos o da viagem de 1704 à Régua, centro duriense que despontava para o grande comércio. Saiu do Porto a 25 de Setembro e parou em Valongo, «*a village of noisy bakers and lankee pigs. Our horses did havea porridge of wine and brown bread and once more on our way troubl'dby dust and flies untillwe made Penafiel. Here we stay'd for ye night sleeping on the tables for reason of the insects*». No dia seguinte parte e deixa anotada a impressão que guardou do lugar e também das condições que eram proporcionadas a quem percorria as estradas, onde teve a oportunidade de encontrar compatriotas: «*This is a small town in a pretty position on St Catherine's Mount. There is but one street full of beggars and monks*» (SELLERS, Charles – *Oporto, old and new*. London, 1899, p. 23).

Pouco menos de um século volvido, falho de notícias, Penafiel reaparece. Cornide y Saavedra, ao serviço da coroa espanhola, em tempo de disputas peninsulares, deixou-nos uma descrição do país que inclui uma curta e incaracterística notícia da cidade de Penafiel, a qual poderia ter sido recolhida de um dicionário ou corografia: «*...Consta esta ciudad de 906 fuegos, que habitan una larga calle y algunas traviesas: sirve aquélla de paso al camino de Oporto á villa de Amarante. Tiene una buena iglesia, que se compone de tres naves sostenidas de columnas jónicas, con una regular portada del mismo orden; tuvo, antes de ahora, la advocación del Espíritu Santo y hoy tiene la de San Martín, y en ella estuvo la Catedral.*

*Tiene igualmente otra iglesia en la Casa de Misericordia con fachada de dos órdenes de pilastras dóricas, Convento de San Francisco, un recogimiento de mujeres y un Hospital ó albergaria para peregrinos.*

*Entre los edificios públicos sobresale la Casa de la Cámara ó del Ayuntamiento, con carcel unida, mandada fabricar por la señora Reina Doña María, con arreglada arquitectura muy correspondiente al objecto para que fué destinada. La administración de justicia está confiada á un Juez da-fora que, con tres Vereadores y outros ministros, compone el Ayuntamiento.*

*Celébrase en esta villa en el día de San Martín y los ocho siguientes una de las más concurridas ferias de Portugal y en la que las principales ventas son de ganado mular y vacuno»* (CORNIDE Y SAAVEDRA, Jose - *Estado de Portugal en el año de 1800*, vol.1, Madrid, 1893, p. 234-235).

Pelos diários ficamos a saber que visitou e pernitoiu na cidade a 11 de Novembro de 1800, em plena feira de S. Martinho, tendo deparado com «*la ciudad llena de gente y solo tuve alojamiento por el favor de unos caballeros con que me había juntado en el mesón de Quintela; pero al mismo tiempo gocé del divertido espectáculo de la feria y del de las muchas y varias gentes que hallé por todo el camino desde Amarante y que, como es bastante poblado, a cada paso se les ofrecen puestos a donde se reparan de las fadigas del viaje, pues no falta pan, vino, manzanas, nueces y castañas; y en los puntos más notables, carne asada y bacalao*». Apesar da recente elevação à dignidade de cidade, regista que a povoação ainda «*sólo se compone de una larga calle en una pendiente suave y de algunas cortas traviesas y casas sueltas*», com alguns edifícios de qualidade enumerados no texto antes citado: ABASCAL,

militares, como a de W.G. Eliot: «*in the town of Penafiel, six leagues from Oporto, 3000 men may be quartered, and there is a fair on the 26th of every month for fat cattle, most of which is purchased for the Oporto market*»<sup>22</sup>. Outros interessam-se também pelas potencialidades e personalidade de cada local.

[Na cidade de Penafiel, a seis léguas do Porto, podem ficar aquartelados 3 000 homens; realiza-se aí uma feira todos os 26 de cada mês para venda de gado bovino, a maior parte do qual é comprado para o mercado do Porto].

É exactamente numa destas obras, impressa em 1821, da autoria do britânico George Landman, que vamos encontrar a mais antiga imagem que conhecemos da cidade de Penafiel, datada de 1813. O autor fez uma observação cuidada do itinerário do Porto para Amarante. Para além da análise do estado das vias por onde transitou e das povoações com que deparava, teve especial cuidado em nos transmitir impressões da paisagem. A gravura que ilustra a descrição de Penafiel, colhida de Nascente, corresponde bem ao texto na hiperbolização da paisagem onde pontificam os grandes blocos graníticos e a linha serpenteada da estrada ladeada de árvores, mas quase deserta, sobre um cenário de montanhas em planos sucessivos. É já uma visão de sabor romântico, substancialmente diferente dos anteriores diários de guerra.

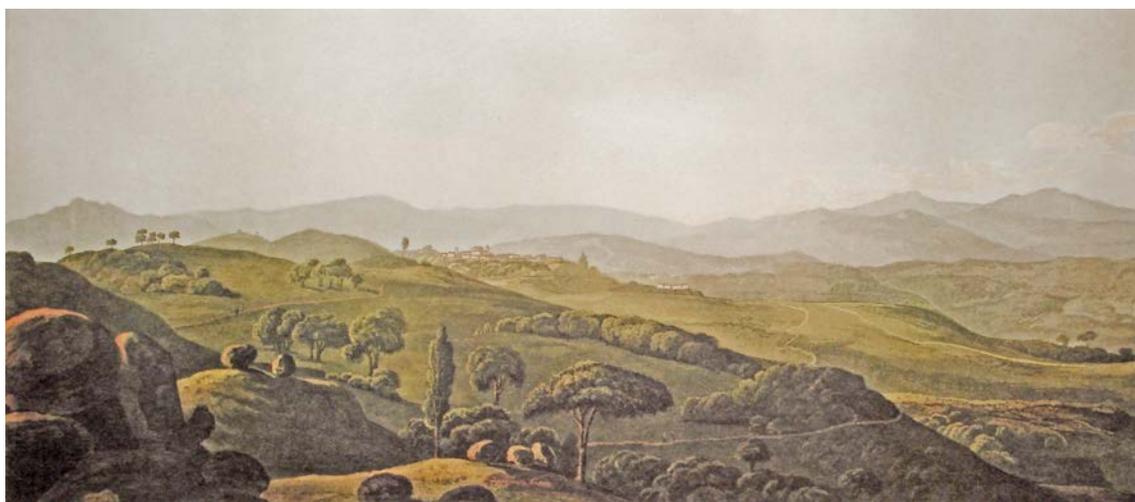


Fig. 13 Penafiel em 1813, segundo George Landman

Juan Manuel; CEBRIÁN, Rosario – *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2009, p. 722.

<sup>22</sup> ELIOT, William Granville - *A treatise on the defense of Portugal, with a military map of the country to which is added, a sketch of the manners and customs of the inhabitants, and principal events of the campaigns under Lord Wellington*, 2ª ed., London, 1811, p. 34-35.

A cidade que se pretendia descrever e ilustrar não passa de uma reduzida silhueta na crista da elevação, distinguindo-se com dificuldade o aglomerado das casas e a torre das igrejas. Aqui fica o texto, que marca um virar de página depois da guerra peninsular.

*«Hence we obtain a view of Penafiel on the summit of a third chain, two leagues distant, and from which we are separated by a beautiful valley richly cultivated, abundantly wooded, refreshed by numerous springs, the sources of small rivulets, and interspersed with substancial villas and cottages. We now descend to the village of Paredes, situated in the bottom near the river Sousa, over wich we pass on a good stone bridge; the banks of this river are high and rocky, the current rapid, full of cascades, and the water excellent and plentiful during the driest seasons of the year: at one league further, of almost continual ascent, is the town of Penafiel... The road from Balthar to Penafiel for the last two leagues is exceedingly bad and stony. In a military point of view, this road is full of defences; the principal chains of mountains offer perpendicular positions, laborious to ascend by the advancing enemy, with rivers to traverse in their front: these, together with the quantity of wood useful in forming abbatis, and in covering light infantry, to the total exclusion of cavalry and artillery, are certainly important advantages.*

*The town of Penafiel is situated on a mountain, which extends from the river Souza to a small rivulet at two leagues beyond Penafiel: the town is not very considerable, and many of the houses suffered much damage by plunder and fire from the army of marshal Soult in 1809: the streets are very irregular, tolerably well paved, but narrow; and few of the houses exceed two stories in height. Water, forage, provision, and fuel, are all plentiful here, and eight-thousand men could be sheltered in Penafiel, without much inconveniency to the inhabitants. From Penafiel to Amarante is reckoned a distance of four leagues, or about seventeen miles, requiring five hours and a half of travelling. Soon after our departure, in looking towards the north and west, we have a very grand view: Penafiel is on the left, whence towards the right extends the valley we traversed from Balthar, and beyond this horizon is bounded by the second great chain of mountains from Porto, where Balthar is seated near the summit; the fore-ground is composed of the declivities of the mountain on which we stand, forming extensive ravines, where scattered pine-trees, and large masses of soft granite, many of them nearly spherical, are seen on*

*the surface in great profusion. The mountain upon which Penafiel is seated, extends about three leagues in length, and is of considerable height: it does not lie parallel to the two first mentioned after leaving Porto, but presents a broad end towards Amarante, where it divides into three points with two steep ravines, all bounded by a deep valley with a rivulet: this tract is less cultivated than the surrounding country, and produces fewer trees.»<sup>23</sup>.*



Fig. 14 Penafiel em 1813 (pormenor)

[Daqui obtemos uma vista de Penafiel na crista de uma terceira cordilheira, a duas léguas de distância e da qual estamos separados por um formoso vale, ricamente cultivado, abundantemente florestado, refrescado por numerosas nascentes, origem de pequenos ribeiros, e entrecortado por grandes quintas e casas rurais. Descemos agora para a aldeia de Paredes, situada em baixo, junto ao rio Sousa, que atravessámos por uma boa ponte de pedra; as margens deste rio são altas e rochosas, a corrente rápida, cheia de cascatas, e a água é excelente e

<sup>23</sup> LANDMANN, George - *Historical, military, and picturesque observations on Portugal, illustrated by seventy-five coloured plates, including authentic plans of the sieges and battles fought in the peninsula during the later war*, vol. 2, London, 1821, p. 258-259.

abundante mesmo nas estações mais secas do ano: a uma légua de distância, praticamente em subida contínua, fica a cidade de Penafiel... O último troço de duas léguas da estrada de Baltar para Penafiel é extremamente mau e pedregoso. Do ponto de vista militar, esta estrada está cheia de defesas; as serranias principais oferecem posições perpendiculares, de difícil ascensão para o inimigo que avança, com rios pela frente, que é preciso atravessar; estas características somadas à quantidade de madeira útil para construir trincheiras e cobrir a infantaria ligeira, excluindo totalmente a cavalaria e a artilharia, são certamente grandes vantagens.

A cidade de Penafiel está situada num monte que se estende do rio Sousa até um riacho que fica a duas léguas de Penafiel. A cidade não é muito importante; inúmeras casas sofreram grandes danos provocados pelo saque e fogo do exército do marechal Soult em 1809; as ruas são muito irregulares, razoavelmente bem pavimentadas, mas estreitas, e poucas casas têm mais de dois pisos. Água, forragens, mantimentos e combustível existem em abundância por estas bandas e seria possível instalar oitocentos homens em Penafiel sem causar grande incómodo aos habitantes.

Calcula-se que a distância de Penafiel a Amarante seja de quatro léguas ou cerca de dezassete milhas, sendo necessário cinco horas e meia de viagem para as percorrer. Logo após a nossa partida, olhando para norte e oeste, tem-se uma vista magnífica: Penafiel fica à esquerda, enquanto que o vale que atravessámos, vindos de Baltar, se estende para a direita, e mais além este horizonte é limitado pela segunda grande cordilheira desde o Porto, onde Baltar se situa, quase no topo; o primeiro plano é composto pelas vertentes da serra em que nos encontramos, formando extensas ravinas em cuja superfície se vêem pinheiros espalhados por todo o lado e uma profusão de grandes maciços de granito lisos, muitos quase esféricos. A cordilheira em que Penafiel está situada tem cerca de três léguas de extensão e uma altura considerável; não fica paralela às outras duas mencionadas ao sair do Porto, mas apresenta um extremo alargado em direcção a Amarante, onde se divide em três partes, com duas ravinas escarpadas, tudo limitado por um vale profundo com um riacho. Esta zona é menos cultivada que a região circundante e produz menos árvores].

Mas a relativa normalidade espelhada nas descrições dos últimos autores não duraria muito tempo, já se vislumbrava no horizonte a guerra civil.